

CORONAVÍRUS

Novos confinamentos à vista? Especialistas dizem que vai ser “muito difícil” conter aumento de casos em Lisboa



Tiago Miranda

O aumento dos internamentos e das mortes por covid-19 não é atualmente o maior dos riscos, mas deixar aumentar os casos tem outras consequências, alertam os especialistas ouvidos pelo Expresso. E se um novo confinamento geral parece afastado, ao endurecimento das medidas locais não parece possível fugir. Em Lisboa os números são preocupantes desde há um mês, lembra o epidemiologista Manuel Carmo Gomes, que ressalva que "o impacto já é visível nos hospitais". E há ainda a variante Delta a ter em conta, bem como o facto de a eficácia das vacinas ser inferior ao previsto, obrigando a que seja inoculada 90 ou 95% da população para se chegar à imunidade de grupo

15 JUNHO 2021 13:24



Mafalda Ganhão Jornalista

Com mais de 240 casos de contágio por 100 mil habitantes, o concelho de Lisboa está já na zona de alerta que [torna iminente um recuo nas medidas de desconfinamento](#), admitiu esta segunda-feira Duarte Cordeiro, coordenador do Governo para a covid-19 em Lisboa e Vale do Tejo. Perante os dados disponíveis, o passo atrás parece inevitável, concordam diferentes especialistas, com os modelos matemáticos a traduzir uma nova realidade no mapa epidemiológico nacional: o aumento das mortes e dos internamentos não é o maior dos riscos, considera o matemático Óscar Felgueiras, mas há particularidades locais e, olhando sobretudo para a zona da capital, **“no curto prazo vai ser difícil conter esta subida sustentada de casos”**.

“O que vemos é uma situação de grande assimetria no país”, continua o docente da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto (FCUP) chamado a colaborar com a ARS Norte: “Vemos Lisboa e Vale do Tejo com um índice de transmissibilidade de 1,15, enquanto no Norte está abaixo de 1, havendo assimetrias também no que se refere às faixas etárias. **Em Lisboa o número de casos entre as pessoas mais velhas não chega a 100, mas está bem acima dos 600 entre o grupo dos 20-29 anos, começando a ser difícil controlar os contágios neste último estrato**”.

No fundo, conclui o especialista, “este grupo arrisca ser uma espécie de reservatório, que pode alimentar um aumento contínuo de contágios”.



Horacio Villalobos

Para o epidemiologista Manuel Carmo Gomes, a pergunta a fazer é: **“Como foi possível olhar para os índices, a subir desde há um mês, e não perguntar o que havia a fazer para quebrar a tendência?”**

“A situação é preocupante, e em Lisboa e Vale do Tejo o impacto já é visível nos hospitais, onde as hospitalizações duplicaram em apenas um mês”, destaca o especialista, que não vê “como se vai travar o aumento de casos”. “Uma alta testagem e o

rastreamento rápido só funcionam até determinado nível, quando o crescimento é exponencial e ultrapassa os 500 casos/dia deixa de ser uma solução", refere Carmo Gomes.

Carlos Antunes, matemático da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, salienta também que, sendo verdade que "o avanço da vacinação está a reduzir a gravidade" dos casos de infeção, "a positividade está a aumentar". Precisaremos de um novo confinamento? **"Não creio que tenhamos necessidade de voltar a um confinamento total", mas poderá ser preciso tomar medidas localmente, considera.**

O desconfinamento tem de progredir "à medida que a vacinação avança", defende o especialista. Porque mesmo com a questão dos internamentos e óbitos "suavizada", há riscos a considerar. "É algo que o país tem de assumir", afirma. "Deixar aumentar os casos implica deixar de controlar. E quando a incidência aumenta, temos de pensar que cresce o absentismo, o número de estudantes em isolamento - com consequências para o rendimento escolar -, além dos custos associados à 'long covid', por exemplo", refere. Em relação aos efeitos de longo prazo, ainda está por perceber exatamente quais são.

MÃO DURA E RESPOSTAS PROATIVAS

Considerando a situação na Grande Lisboa, onde são vários os concelhos com o número de casos a aumentar de forma preocupante, o matemático alerta para o risco de assumir respostas tardias. "O desconfinamento pode não avançar", mas o que pode fazer falta é regredir mesmo, afirma Carlos Antunes, para lembrar que **baixar os casos implica "reduzir contactos, restringindo a mobilidade"**. E, claro, "reforçar a proteção individual, o distanciamento, aumentar a testagem".

Por esta altura já todos sabemos as regras, mas olhar para os números e perceber como estão eles a subir é fundamental, acrescenta Carlos Antunes. São as "respostas proativas", que antecipem "cenários que podem fazer a diferença", defende, elogiando a decisão tomada em Sesimbra, que não avançou para nova fase de desconfinamento: **"em termos concelhios tem de haver mão dura"**.

Quando se considera a subida dos casos, há um outro aspeto a considerar, refere Óscar Felgueiras: o impacto da variante Delta. O matemático aponta a prevalência de 4,1% no país, taxa citada no mais recente relatório divulgado, mas sublinha que a estimativa reporta ao intervalo entre 3 e 11 de maio, logo. "não reflete a situação atual". E reforça que a circulação deste variante, "mais resistente à primeira dose da vacina, pode constituir um obstáculo adicional" ao objetivo de ver descer os contágios.

Sobre a vacinação, Carlos Antunes chama aliás a atenção para a necessidade de olhar para os números com especial atenção. Quando se fala em população protegida, é preciso distinguir os totais de pessoas vacinadas com o esquema completo ou apenas com a primeira dose. Mais de 6,5 milhões de vacinas foram administradas, mas **apenas 2,2 milhões de portugueses estão completamente imunizados.**

“Sabemos atualmente que a efetividade vacinal é menor que a percentagem apurada nos testes. Estudos britânicos recentes apontam para uma taxa na ordem dos 60 a 70%, o que tem impacto na imunidade de grupo. Para a atingir será necessário ter mais gente vacinada do que inicialmente previsto. **A meta passa a estar em 90 ou 95% da população**”, conclui o especialista.

Manuel Carmo Gomes lembra o que tem sido viver em pandemia. “Se há coisa que temos aprendido é que os números começam a subir devagarinho e depois disparam. Os relatórios britânicos que fundamentam o travão à reabertura do país apontam uma transmissibilidade muito alta à variante Delta. É preocupante”, insiste, para defender que nesta matéria não se pode correr o risco de pensar que a situação está controlada e não vai voltar a piorar. **A sua esperança no curto prazo? “Que o fim das aulas permita desacelerar esta tendência de subida dos contágios”.**